



O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurants, Cafés, Bars e classes congeneres

ANO II — N. 24

Rio de Janeiro, 1 de Janeiro de 1918

REDAÇÃO
Rua do Senado 215-217
Telefone Central 1499

Uma etapa vencida

Do ponto de vista dos seus interesses corporativos os trabalhadores em hotéis, restaurants, cafes, etc., iniciam hoje o novo ano sob promissores e agradáveis auspícios, realizando a transição de um regimen de trabalho, — dos mais barbaros e dos mais aniquiladores — para um outro que, conquanto não seja a consagração integral dos direitos a que fazem jus, representam todavia uma etapa vencida no aspero jornada pela conquista de mais dignas e dezafogadas condições de vida.

Longa e porfiada foi a luta que o Centro Cosmopolita travou contra a obstinação cega e torpe dos que, aferrando-se ao mais revoltante egoísmo, fazem timbre em manter unidos aos varais da sua escravidão, servilmente obedientes ao seus desígnios tirânicos e espoliadores.

As insidias e as torpezas, armas ignobres, de que se serviram os nossos antagonistas, de nada valeram, quebrando-se impotentes de encontro à ação enérgica do Centro Cosmopolita que, conscio da sua alevantada missão de defensor dos interesses do ramo do proletariado que se agrupa no seu seio, vem de ha muito se batendo pela realização dos seus ideais.

Certo, muito mais para dezerjar seria que a este resultado se houvesse chegado por mais amplos caminhos, isto é, pelo esforço direto e proprio dos interessados. As conquistas só valem verdadeiramente quando são jermiinadas pelos esforços e consolidadas pelos sacrificios de lutadores concientes e abnegados que não recuam diante dos agros espinhos da luta.

Em todo caso resta-nos a esperança de que os companheiros que hoje são atingi os pelos benefícios de uma regulamentação legal do seu trabalho — a qual evidentemente vem trazer-lhes relativas melhorias — não se deterão deante desse pequeno quinhão ora arancado á sordidez capitalista. Enorme é o numero das reivindicações que se desdobram á nossa frente eijindo-nos prementemente o esforço solidario de todos os oprimidos que fatalmente só as próprias mãos, usando dos recursos que os trabalhadores inteligentes e ativos têm sabido empregar na luta contra a exploração capitalista.

Agora que uma pequena brecha acaba de ser estrondosamente aberta na muralha espessa dos interesses do nosso patronato é necessario que, aproveitando o ensejo, saibamos agir perfeitamente e compenetrados dos nossos incaltestaveis direitos a um taller no lanquete da vida.

União e concordia! Tal deve ser o brado potente que vibre unisono de estremo a estremo das nossas filas.

Por pouco que se estudem de perto os fenomenos biologicos e sociais, chega-se logo a compreender que a guerra não é uma forma da luta pela vida, mas uma forma da luta pela morte.

J. NOVICOW.

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO RUSSA

O MASSACRE DA PORTA NARVA

É dum interesse empolgante a pagina que adiante se vai ler. É todo um capitulo das "Memorias do Pope Gapon", o famoso agitador russo da revolução de 1915. O massacre espantoso de 22 de janeiro, em que sucumbiram centenas de operarios inermes, constituiu, hoje, uma soberba lição para o proletariado e para os tiranos governamentais. Para o proletariado, porque foi uma culminante prova sangrenta e angustiosa do perigo das manifestações a mãos abanando; para os tiranos, porque, doze anos, passados, aquele mesmo heroico povo massacrado pela ferocidade brutal e inconciente dos cossacos ao serviço dos potentados está realizando a vingança integral, derrubando toda a tremenda engrenagem autocrática e implantando, de armas na mão, o livre regimen em marcha esplendida, neste momento... É a narrativa da tragedia de 1905 é ainda uma amostra instrutiva do que são os cossacos — esses mesmos cossacos que, na Rússia efôra da Rússia, são hoje a ultima esperança da burguezia, que para eles apela, ao ver fugir-lhe aos olhos a era maldita do seu dominio... Sangue jenerozo do proletariado: jerminal!

(Foi na manhã da grande manifestação preparada com o fim de entregar em mãos do czar uma petição do proletariado em greve de S. Petersburgo. Os cortejos se organizaram em varios pontos da cidade, tomando todos a direção do Palacio do Inverno. O maior deles era o formado na sede central da Associação dos Trabalhadores e á frente do qual seguia o pope Gapon. A narrativa que se segue começa precisamente ao partir esse cortejo de vinte mil pessoas, homens, mulheres e crianças...)

— Iremos direitos para a porta, ou daremos uma volta para evitar os soldados? perguntaram-me.

— Não! não! Atravez das tropas, direito! Corajem! A morte ou a liberdade!

— E a multidão, em resposta, rompeu um grande clamor de entusiasmo.

Partimos. Com uma voz possante, solene, o hino do czar foi entoado: Deus, salva teu povo! Mas quando chegou ao verso:

Salva Nicolaj Alexandrovitch alguns socialistas o substituíram por estas palavras:

Salva Jorje Apollonovitch (1) enquanto outros repetiam simplesmente: "A morte ou a liberdade!"

O cortejo movia-se em massa compacta. Na minha frente marchavam os meus dous guarda e um rapação de olhos negros, cuja vida de trabalho não lhe conseguira matar a juvenil alegria.

Pelos flancos da coluna corriam as crianças. Muitas das mulheres insistiam, a tal ponto, em marchar na primeira fila e para fazerem, diziam, uma barreira com os seus corpos, que foi necessario empregar a força para fazel-as recuar.

Devo mencionar tambem este fato bem significativo: os agentes de policia não somente entravaram a partida do cortejo, como ainda se juntaram a nós, de cabeça descoberta, em respeito aos emblemas religiozos.

Dous officiaes da policia local, a cabeça igualmente descoberta, precediam-nos, desbravando-nos a passagem, forçando mesmo algumas carruagens, que encontravamos, a se afastarem, afim de nos deixar livre o caminho.

Foi assim que nos aproximamos da Porta de Narva. E quanto mais avançavamos, mais densa se tornava a multidão, mãos impressionantes os cantos, a ceua mais dramatica. De repente, a duzentos passos na nossa frente apareceram as tropas.

Corpos de infantaria barravam a passagem, e diante delas um esquadrão de cavalaria nuntinha-se em fileira cerrada, os sabres nuscendo ao sol. Teriam a ousadia de atacar-nos?

Trememos, um minuto, mas a marcha retomou o passo para diante, pezadamente. Os cossacos, então, a galope, avançaram contra nós, sabres ao ar. Era, pois, um massacre?

Não havia mais tempo de refletir, de combinar planos ou de dar ordens; os cossacos se apossavam como uma tromba. Um grande grito de alarma se elevou. As filas da frente, quebrando-se, abriam-se diante deles, e eles arremessaram os seus cavalos por essa brecha, ferindo á direita e á esquerda. Eu via os sabres erguerem-se e baixarem, e os homens, as mulheres, as crianças tombarem um a um como arvores abatidas a machado, enquanto um clamor de imprecções e de gemidos o enchia ar.

Na febre dum tal momento era impossivel raciocinar.

Por ordem minha, as filas da frente fecharam o sulco aberto pelos cossacos, que, penetrando mais e mais pela massa, bem depressa romperam na estremitade final do cortejo. Nós continuamos a marchar, ainda plenos duma solene resolução, mas agora com a raiva no coração.

Os cossacos, dando volta aos cavalos, reentravam multidão a dentro pelas ultimas fileiras. Rasgando a passagem, eles a atravessaram de novo, de ponta a ponta, e, sempre a galope, retomaram o seu lugar na porta de Narva. A infantaria abriu-lhes a passagem, e eles foram postar-se, em linha, atraz dela.

Entretanto, nós avançavamos ainda, embora as baionetas alinhadas se nos apresentassem ameaçadoras, como que nos mostrando, com as suas pontas, num gesto fatidico, a sorte que nos esperava. Meu coração, senti-o apertado num espasmo de piedade; mas não tive o menor medo.

Antes da partida o meu amigo muito caro o operario K... havia-me dito: "Vamos dar a nossa vida em sacrificio." Que assim fosse, pois.

Não estavamos mais que a trinta metros dos soldados; separava-nos deles somente a ponte do canal Tarakanovka. — Este canal marca, ali, o limite da cidade. — Subito, sem prévio aviso, sem qualquer intimação, sem um minuto de prazo, nós percebemos o estalido seco dum fogo de salva. Eu soube mais tarde que o clarim havia soado. Mas o vozear dos nossos cantos o abafava, e, além disso, como teriamos compreendido, mesmo que o ouvíssemos, a sua sinistra significação?

Vassilief e eu marchavamos lado a lado, dando-nos a mão. De repente, ele me largou e abateu sobre neve. No mesmo instante um porta-bandeira caiu. Um dos officiaes de policia, de que falei mais alto, gritou:

— Desgraçados! que fazeis? Como sois capazes de atirar sobre o retrato do czar?

Este apelo ficou sem efeito, como era de esperar, ou antes, deu em resultado chamar a atenção dos massacradores sobre os dous homens: eles tombaram sob as balas. — Eu soube depois que um morreu no ato e outro saiu gravemente ferido.

Voltando-me precipitadamente para a multidão, gritei-lhe com a todas as minhas forças: — Deitai-vos!

E estendi-me, tambem eu por terra. Nesse mesmo instante uma descarga estrondosa, logo seguida duma segunda e duma terceira. Os manifestantes, que primeiro se haviam ajoelhado, e depois deitado inteiramente, tapavam os rostos com as mãos, como se com isso melhor evitassem a chuva de balas. Os das ultimas fileiras começaram a fugir. O fumo das descargas formava uma ligeira nuvem em nossa frente, e eu sentia na garganta o travo acre da polvora. Um velho chamado Lavrentief, que levava o retrato do czar, tinha sido umas das primeiras victimas. Um outro velho tomou do retrato, que escapava das mãos do seu camarada e o ergueu, quando uma nova descarga o matava tambem.

— Vou morrer, jemeu ele numa ultima convulsão, mas... hei... de ver... o czar.

Uma outra bala atingiu o porta-bandeira. Um rapaziño de dez anos, que carregava uma lanterna de igreja, recebeu tambem um projel e tombou; mas, continuando a segurar a lanterna, tentou levantar-se. Uma outra bala abateu-o definitivamente.

Foram ainda mortos dous ferreiros, que formavam a minha guarda. Todos quantos levavam iconos e bandeiras tiveram a mesma sorte, e esses emblemas juncaram a neve.

As descargas eram agora feitas para as cazas proximas, onde a multidão procurava refugio. Mais tarde eu soube que muita jente foi atinjida dentro de caza por balas que atravessavam as vidraças.

Por fim, o fogo cessou. Eu lá estava, de pé, sem nenhum ferimento, com alguns outros, como eu indenes, e os meus olhos percorriam os corpos estendidos em derredor.

— De pé! gritei. Mas ninguém só mexia. Eu não comprehendia. Porque não se levantavam? Vi, depois, que eles jaziam, os braços estendidos, sobre a neve largas manchas rubras coloriam. Compreendi, então...

Aos meus pés estava o cadaver do meu pobre Vassilief.

Tive a impressão que o meu coração deixava de bater. E um pensamento passou-me pela mente como um clarão: Sudo isto é obra do nosso patziño o Czar. Não desfelei: suste-me a colera, que de mim se apoderou.

Nesse momento fiquei sabendo que, em verdade, um novo capitulo começava na historia do povo russo.

Eu continuava de pé, no mesmo lugar; um pequeno grupo de operarios tornou a formar-se, em torno. Estendendo o olhar para traz, vi ainda, ao longe, ajitarem-se troços da bela columna de havia pouco. Era uma debandada louca. Eu não tentei reunir os fugitivos. O panico levava-os como um vento de outono a folhas mortas.

Entretanto, restava-me ainda uma duzia de homens intrepidos. Resolutamente avançamos para diante. O fogo tornou sobre nós Apoz uma descarga, reergui-me. Esta vez estava só, e ainda sem ferimento.

Um desespero imenso apoderou-se de mim. Subito, sentime tomado pelo braço e arrastado rapidamente para uma pequena rua perto do campo do massacre. Seria superfluo qualquer protesto. Nada mais havia a fazer.

— Não ha mais czar para nós! exclamei. E abandonei-me ás mãos do meu salvador. Na pequena rua toranos logo cercados por trez ou quatro dous meus operarios. Um punhado de homens! eis o que restava dos vinte mil de pouco antes! Os outros estavam mortos ou dispersos pelo terror... Nós haviamos partido sem armas... Nada mais restava que viver á espera que chegasse o dia em que os culpados seriam punidos e este grande crime vingado. E si nesse dia se devesse sair sem armas, é porque as armas teriam deixado de ser necessarias.

O meu salvador, que era o mesmo enjeubeiro que me havia visitado a noute precedente em Narvskaya Zastava, tirou do bolso uma tesoura e inconcientemente cortou-me o cabelo e a barba, que os compahieros

ANO NOVO!

1917, emergido, lugubre, em plena sangueira belica, sumiu-se ainda em sangue e fogo, mas sangue e fogo já de poente trajico promissor de auroras esplendidas.

Em 1917 estalou, prenhe de anciadas esperanças, a soberba revolução russa, que veio abrir aos povos a porta em flama das reivindicções integrais.

E assim, magnifico, surge este 1918, trazendo em si as mais belas e tumidas promessas de realizações emancipadoras.

Aos pioneiros da nova era, aos batalhadores da Ideia em marcha, o almeço comovido nosso, neste decalbr maravilhozo da Anarquia!

Martir

Magra, esqualida, eu via-a ou ouvia-a, quasi todas as manhãs, tic-tic no corredor, mexendo e remexendo o conteúdo dos calçotes, nauzabundos e repeletes, da porta de cada quarto, da minha arcaica habitação...

Palida e cadaverica, rodeada por quatro criancinhas, buscava e rebuscava as duras e negras cedeas com que, decerto, com elas, pequerruchitas, ir-se-ia alimentar durante o dia nadrum invundo cubiculo...

Amargurada e triste, escondia a cara lacrimosa, quando o olhar curioso, dalgum ente que passava, para si se dirigia...

Uma vez, suave e doce, perguntei-lhe porque chorava, porque andava assim mergulhada em tão profunda tristeza.

Falou-me da sua pequena mas acidentada historia.

Havia mezes abandonara a terra natal. Seu marido, alcoolico e mau, espancando-a a cada instante, tinha-a coajido a deixa-lo fugindo para a cidade com os seus quatro filhinhos.

Mas aqui, infelizmente, embora livre de paucasas já, a sua vida material não melhorara.

Tinha encontrado, é certo, após a sua chegada, uma colocação modesta por cujos serviços auferia uma diaria de mil reis. Claro que, com esse dinheiro, pagava a caza e a comida, o restuário e o calçado, não só para a sua pessoa mísera, como para os pequeninos.

Vizivelmente era pouco, mas enfim ia chegando se não fosse o haverem-na despedido pela indecência das suas roupas.

Sim, desde que abandonara a sua aldeia, não mais lhe fora possível comprar um unico "trapuzinho" novo. Se mal lhes dava para comer...

Eis a razão porque, impossibilitada de voltar a collocar-se, era assim, emporcalhada e melancolica, a sua vida d'haje...

Coitada — lhe disse — está então condenada a esse martirio para sempre?

— Ai senhor — me retorquiu — eu antes queria morrer; mas que haveria de ser destes inocentinhos?

E, apertando contra o seu enxuto peito o mais novinho que tinha ao colo, acrescentou lavada em lagrimas:

— Ainda se ao menos encontrasse outro homem que me amparasse...

Joaquim Maujor.

dividiram entre si. Um deles, num abrir e fechar de olhos tirou-me a sotaina e o chapéu e deu-me o seu proprio capote; mas este estava manchado de sangue. Um outro operario então desfez-se do seu — pobre roupa surrada pela miséria —, tirou o proprio chapéu e insistiu para fazer-me aceita-los. Tudo isso foi feito em menos de trez minutos. O enjeubeiro apressou-me para que o acompanhasse á caza dum dos seus amigos, e em me deixei conduzir.

O soldados continuavam em poder do campo do massacre. De começo não se importaram com os mortos nem com os feridos, e não permitiram a ninguém que se aproximasse. Ao cabo de algum tempo se decidiram empilhar os corpos em trenós. Lá se foram, uns para o hospital, outros para o cemeterio.

ferimentos, no dizer dos medicos, eram em geral muito graves. Interessavam principalmente a cabeça ou o tronco, raramente o membros. Alguns mortos haviam recebido varias balas. Mas foi inutil revistar os mortos e os feridos: nem uma arma se encontrou nas suas roupas, nem uma pedra nos seus bolsos.

Um medico do hospital, a quem foram levados trez e quatro cadáveres, confessou que o espetáculo era horrivel: a face dos cadáveres numa convulsão de horror e de sofrimento, o chão coberto dum charco de sangue.

Jorje Gapon.

O NOSSO NATAL

Nesse tempo era eu Nonô e minha irmã Ninita. Moravamos em uma tapera izolada entre pitangueiras e cajueiros nos areais de Copacabana, com a mamãe doente e o papai... oh! o nosso papai! robusto quarentão de olhar feroz e mãos delicadas; olhar que nós temiamos e mãos que adoravamos porque nunca nos ameaçaram.

O papai, cavouqueiro de uma pedreira em Botafogo, andava nesse tempo muito pobre e muito acabrunhado com a molestia de mamãe, e nós notavamos que sempre, á volta do trabalho, ele suspirava longamente com os punhos cerrados e o olhar mais duro ainda e mais feroz. Fugiamos para o quarto dela que sorria inalteravelmente, resignada e silenciosa, alquebrada pela febre e pelo mau passado.

Ninita tinha então oito anos e eu seis; eramos muito amigos e brigavamos desde manhã até á noute, e ainda de noute porque dormiamos na mesma esteira na sala de jantar, em companhia de uma gatinha de minha paixão e de um franguinho pedrez do coração de Ninita. Viviamos sós os quatro nessa caza de tai pa coberta alternadamente de sapé, de zinco e de telhas.

Eramos os pobrezinhos do lugar, propriedade de um portuguez muito rico nosso vizinho de um palacete cheio de cortinas e luzes para onde olhavamos embasbacados.

Felicidade para nós havia duas, a a liberdade e a ordem. Só faziamos barulho nos cajueiros, e nunca mexiamos nas couzas que havia em caza.

Pela Copacabana toda eramos conhecidos pelos potres soberbos. Os filhos do portuguez vizinho, morando mais de um ano no lugar, nunca nos oiaram por mais que nos vissem, e nunca nos escutaram por mais que ouvíssem as nossas gargalhadas.

Ninita e eu saltavamos radiantes pela areia alvitente, mo'hando os pés na espuma do Atlantico, as mãos cheias de conchas, olhar franco e leal pelo horizonte infinito e dentro o coração batendo ritmado de saude perfeita.

Em dezembro daquele ano, o vizinho deu uma festa magnifica na noute de 24. Havia muitas crianças, muita luzes, muitos doces e muitos brinquedos.

— Que bonito, hein, Nonô? — Hih! Ninita!

E nós dous, cerca das oito horas da noute, sentadinhos num montão de areia junto á cerca de pitangueiras, olhavamos deslumbrados a festa de que era esplendor a arvore do natal.

Fazia escuro já, e a mamãe, sentindo nossa falta, gritou de dentro: — Para cá, meus filhos!

Iamos a levantar quando o papai falou: — Fiquem. Não estão vendo a festa do menino-deus?

Aconchegamo-nos um ao outro e demoravamos a seguir com os olhos maravilhados as peripicias das danças, dos folguedos, das cantorias das meninas ricas do palacio ao lado.

— E nós não temos nada disso, Nonô. — Dizem que aquilo vem do céu, repliquei resignado.

— E tambem dizem, Nonô, que o menino-deus não se esquece dos pobrezinhos e que vem de noute trazer brinquedos para eles.

Palmas no portão interromperam a a nossa conversa. Era o medico que vinha ver a mamãe. Papai fe-lo entrar, e nós continuavamos onde estavamos a ver a festa do natal.

Uma hora depois, eu deitei a cabeça no colo de Ninita que já dormia e dormi tambem.

Sonhei. Sonhei que estava na minha cama com a minha gatinha, e que o homem, depois de curar a mamãe, viera á minha cabeceira, beijara a Ninita e a mim, e depois de nos auscultar e nos examinar, dissera:

— Que organismos perfeitos! que saude! que robustez!

E me perguntou: — Em que sonhas? — Sonho com o menino-deus.

O homem sorriu, acariciou-nos e começou a falar estas palavras com a

voz mais suave que o brilho das estrelas:

— Vós haveis celebrado, meus filhinhos, a mais bela das festas, com esse exemplo obscuro de fraternidade e de docura. Tendes saúde, vigor e alegria, a vossa vida é um natal perene.

Nós não entendíamos essas palavras e ele viu bem isso. Tirou do bolso uma caneta e deu-ma; da lapela do cazaco tirou um rumallete de violetas e deu-o á Ninita.

E continuou:

— Sonhaveis que vinha um anjo vos trazer presentes do menino-deus. Não ha nada disso, meus filhinhos. Vós vistes pela manhã de hoje o sol nacer como sempre, e, como sempre, o mar rujiu, vosso pai trabalhou e as pitangueiras choraram frutos rubros como lagrimas de sangue. A vida universal e eterna teve as mesmas victorias e derrotas. Olhai:

Nós olhamos com os olhos fechados e vimos uma grande cidade, cheia de sol e de jente.

— Pobres e ricos, meus filhinhos, todos se confundem naquelle turbilhão da vida interminavel.

Ha ali uma jeração que dezaparece e outra que se levanta. Aquilo tudo é o prezepe para onde deveis olhar todos os dias. O anjo, que esperaveis, não virá nunca trazer-vos brinquedos. Eu acabei de presentear-vos com as duas teias mais belas que as crianças jamais possuiram: a ti, Nonô, uma pena, a ti, Ninita, flores! Ha quazi dois mil anos naceu na Galiléa uma criança obscura que semeou pelo mundo a miseria e dôr.

No estado de ignorancia e de barbaria em que viviam os homens desses tempos, facil foi a esse nacido intitular-se filho de um deus inexistente e empolgar os espiritos apenas saídos da selvajeria e derramar neles o erro, o engano, a quimêra e o mal.

Celebra-se hoje o nascimento desse homem, mas essa celebração só a fazem aqueles que são fortes, que não cumprem os principios impraticaveis do galileu. Os pobres, os vencidos, os escravos modernos, aqueles para quem a religião é uma ironia, esses dormem como vós ao relento ouvindo os jemi-dos da mamã doente e os cantos festivos dos ricos.

Vede por aquela cidade imensa a fervilhar. Milhares de soturnos Cristos, com o vil aspecto de pobres e de vencidos andam a pregar hipocritas fraternidades e ironicos perdões; a falar de um céu absurdo e a enganar com promessas vãs a ignorancia jeral. Hoje, porém, já se começa a rir dos Cristos porque os homens não se distinguem mais pelas maravilhas e sim pelo amor á verdade. O Cristo quiz ser rei e deus de parvos e ignorantes; hoje, para se ser simplesmente homem é preciso ser forte pela verdade e pela justiça. Uma multidão de miseraveis, padres, soldados e burguezes, corre pela vida a roubar e a assassinar em nome desse homem cuja ignorancia das leis da vida criou essa religião que é o maior dos tormentos dos homens.

Para celebra-la, vós vistes, ao adormecer, um palacio iluminado e muita jente a cantar e a dansar; vistes crianças ricas recebendo presentes e doces, bagatelas que não as educam nem lhe são uteis. Esperaveis um anjo, vim eu. Dei-te a ti uma pena. Ouve-me, Nonô: Amanhã serás um homem; empuña esta arma suprema e se um forte. Escreve, instrui, educa, diz aos homens a verdade, falhes de união, de concordia, de justiça. Vai pela vida sombranço e sereno; luta, conserva a tua saúde e a tua paz de espirito; piza a terra com o pé de um forte e caminha adiante calmo e bom, sem ambições e sem remorsos. Não creias em religiões, sejam de céus, sejam de patrias; raciocina como um simples e aje como um forte; adora a luz, clama pela verdade, bate-te pela justiça. Mas faze tudo sair da propria humanidade, e seja humo tudo quanto pedires e tudo quanto deres aos homens. Ama e odeia, Nonô: se implacavel para quem te queira dominar; se magnanimo para quem te ame. Um só facto te illumine a vida moral: a verdade: um sol unico te aclare a vida física: o amor. Esta pena é um simbolo e o tronco da arvore do Natal de todas as idéas e de todas as verdades que redimirão o homem da galé dos deuses.

Agora tu, Ninita, dei-te estas flores a ti que esperavas um brinquedo e que invejavas a festa dos ricos. Ergue estas flores bem alto e canta a graça do grande amor e a beleza das couzas naturais. Tu serás amanhã uma mulher, tu terás contra ti o egoismo e a estupidéz dos cristãos que te quererão escravizar ás mentiras de uma loucura e de uma pudicia vindas do odio irracional que o Cristo votava ao amor e á beleza. Se, porém, serena e altiva, atira para a vida flores e colhe todo o amor e toda a alegria de que o mundo transbordava. Flores brotarão no teu caminho, se ele for de amor e de ternura, sem o falso pudor e sem a hipocrizia

ASTRONOMIA MERCURIO

Um pouco abaixo do Sol, ncta-se algumas vezes, ora no Ocidente á luz crepuscular, ora no Oriente, ao romper da aurora, uma estrela de primeira grandeza que se conserva pouco tempo acima do horizonte. E' Mercurio, que a mitologia escolheu para deus da medicina, do commercio e... dos ladrões. Apenas aparece furtivamente, de tempos a tempos quer apóz o ocazo, quer anteso do nascimento do astro do dia, oferecendo o aspecto de uma estrela um pouco avermelhada.

Este planeta, como todos os outros, não tem luz propria, reflete a do Sol; mas, como está muito proximo do astro radioso, o seu brilho é muito vivo, apesar do volume não ser consideravel. E' mais pequeno que a Terra. A sua translação em redor do Sol efetua-se em cerca de trez dos nossos mezes; passa rapidamente em mez e meio, de um para outro lado do astro do dia e é, alternadamente, estrela da manhã e estrela da tarde. Os antigos tinham primeiro visto nele dois planetas diferentes, mas a observação atenta não tardou a fazer-lhes reconhecer a identidade.

Mercurio voa em redor do Sol a 57 milhões de quilometros de distancia e realiza a sua translação em 87 dias, 23 horas e 15 minutos, um pouco menos de trez dos nossos mezes. Se as condições da vida lá são as mesmas que entre nós a existencia dos mercurianos é quatro vezes mais curta que a nossa.

A sua órbita naturalmente interior á da Terra, não é circular mas elliptica e muito eccentrica, tão alongada que, em certas epochas do seu anno, Mercurio está estremamente afastado do foco solar e recebe duas vezes menos calor e menos luz que nas epochas opostas, donde resulta que a sua distancia á Terra varia consideravelmente.

Este globo oferece fazes, descobertas no seculo XVII por Galileu, e que lembram as da Lua. São devidas ao movimento do planeta em redor do Sol e invizíveis a olho nu; mas instrumentos, mesmo modestos permitem seguir a sua gradação e estudar Mercurio sob todos os seus aspectos.

A' vezes tambem passa ezatamente pela frente do Sol, e o seu disco projeta se como um ponto negro sobre a superficie luminosa desse astro. O que succedeu, por exemplo a 12 de novembro de 1907 e a 6 de novembro de 1914.

De todos os mundos do nosso sistema, Mercurio é o mais pequeno — e, cactuando, é claro, os fragmentos cósmico que circulam entre a órbita de Marte e a de Jupiter. O seu volume é igual a cinco centezimos do da Terra. O seu diametro está para o do nosso planeta na proporção de 373 para 1.000 pouco mais de um terço — e mede 4.750 quilometros. A sua densidade é a mais forte de todos os mundos da grande familia solar, e ultrapassa de cerca de um terço a da Terra; mas a gravidade é lá quazi metade mais fraca que entre nós.

Mercurio está envolvido em uma atmosfera muito densa, muito espessa, que, sem duvida, tempera sensivelmente o calor solar, pois o Sol apresenta dos mercurianos um disco luminoso sete vezes maior, em média, que aquelle que nós vemos da Terra, e quando Mercurio passa no perihélio, isto é, na sua maior aproximação do Sol, os seus habitantes recebem dez vezes mais luz e mais calor que nós em pleno verão.

E' provavel que nós, terrestres, não poderemos abordar esse planeta sem sermos fulminados por insolação; mas devemos pensar que a Natureza fecunda produziu lá seres de uma organização diferente da nossa, constituídos para viver na vizinhança do fogo. A observação de Mercurio é muito difficil, precisamente pela vizinhança do Sol; contudo, notam-se-lhe manchas que bem podem ser mares. Essas observações são, porém, contraditórias e incertas.

Até hoje foi impossivel determinar o tempo da sua rotação. Alguns astrónomos pensam até que, por cauza da sua grande proximidade do Sol, este astro tenha por assim dizer immobilizado o globo de Mercurio, como a Terra fez á Lua, forçando-a a apresentar-lhe sempre a mesma face. Sob o ponto de vista dos habitantes, seria uma situação estratragante: dia eterno no hemisferio iluminado, noite perpétua no outro hemisferio, e uma larga zona crepuscular entre os dois. Um tal estado seria bem diferente da successão dos dias e das noites terrestres.

Vista de Mercurio a Terra brilha no céu estrelado como um magnifico astro de primeira grandeza, ao lado do qual a Lua se mostra como uma pequena companheira. Este conjunto deve parecer de lá uma bela escuria dupla, sendo a Terra estrela de primeira grandeza, e a Lua de terceira.

Camilo Flammarion.

Em suplemento da nossa edição de hoje publicamos uma gravura, concepção revolucionaria do artista sr. M. Capllonch.

A beleza do trabalho que apresentamos por si mesma dispensa-nos de tecer-lhe maiores encomios.

E' o brinde de ano-bom que O COSMOPOLITA oferece aos seus leitores.

das escravas cristãs. Vai, vive pelo eterno amor e pela eterna beleza, e tu verás que a arvore burgesa do Natal dos vencedores dá brinquedos idiotas ás crianças futeis e ricas; mas a ti que és humilde e robusta virão flores das arvores da vida e da verdade, plantadas entre as pedras dos caminhos. Vai, Ninita, se livre. Vai ao amor que é o Natal eterno.

Quando eu acordei foi nos braços do papai, que nos levava para caza, a dizer: — Só o que faltava! Era vocês se resfriarem por cauza dessas porcarias de natal.

Domingos Ribeiro Filho.

1910.

ANO-BOM

Para "O COSMOPOLITA"

Vós, que, de sol a sol, mourejais, indefessos, proporcionando o luxo aos vossos opressores; que da realização de todos os progressos apenas auferis maior soma de dores;

vós, campeões do trabalho, esbulhados e opressos, cujo ano-bom não é o ano-bom dos senhores, os votos não ouçais, que vos forem espessos pela labia soez dos vis conservadores.

Pode ter ano-bom a vitima indefeza coajida a viver num sordido rejimen, que tem por baze o roubo, a exploração burgesa?

Vosso ano-bom virá, mas virá quando, a astucia conseguindo vencer dos que ora vos oprimem, houverdes imitado o jesto á altiva Russia...

V. de Miranda Reis.

Pequenos documentos sobre "l'Union Sacrée"

Um amigo emprestou-me uma série de numeros do jornal l'Humanité, de Paris, organ do Partido Socialista francez. Foi um regalo para mim, a leitura dessa coleção da famosa folha fundada pelo finado Jaurès. Durante um periodo de quazi um mez (a série vai do dia 19 de outubro a 15 de novembro), eu vivi, em espirito (salvo seja: espirito—função dos meus miolos materialissimos, e não espirito desses das trez ordens classificadas pelo illustre e sabio confrade sr. Comendador Luiz de Matos), vivi por assim dizer, integralizado na vida de Franca... E dou minha palavra de honra como vulto absolutamente encantado dessa integralização. A relevar, todavia, que o encanto supremo consistiu na apreciação do espetaculo comovido proporcionado pela ternura e doce unanimidade de l'Union sacrée. Ainda transbordando de tal encantamento... e tanto, que o meu desejo é dar dele, aos meus patriotas, uma palida imagem, contornada pelos pequenos documentos que tive a deliziosa pacheria de colecionar. Vale a pena...

Dous projetos foram votados na Camara dos Deputados, em sua sessão de 18 de outubro, instituinte uma séria reforma na composição dos conselhos de guerra do exercito e da marinha. A séria reforma consistiu na introdução nos referidos conselhos, como juizes, respectivamente de dous soldados e dous marinheiros. Tanto o Ministro da Guerra, como o Sub-secretario da Marinha combateram veementemente o projeto, convencidos, ao que parece, de que l'Union sacrée deve pairar nas alturas e não decaer a tais miserezas plebeas e desganoladas...

Eis o que o deputado socialista Sixte-Quenin, em artigo de primeira columna, opinou a respeito de M. Maurice Barré, o celebre escritor, membro da Academia, successor de Darovide na presidencia da Liga dos patriotas, deputado e um dos "leaders" do reacionarismo: "...este literato transido na politica sente tão bem a sua propria insignificancia, que não ousou ainda subir á tribuna do Parlamento, depois de trez annos de guerra..."

Pierre Hamp, o masculo romancista operario, referindo-se ás manobras ambiciosas do commercio e dos comerciantes de alcool (que é materia prima para a fabricação de polvoras), escreveu couzas destas: "O commercio de alcool está salvo, mas a Franca arriscada a perder-se. Ao alcool sacrificamos a familia. Sacrificamos-lhe tambem, a patria. Está no mesmo plano. A tração pode ser feita de armas na mão ou de copo na mão. Obuzes, diz o exercito. Consumidores, diz o commercio de alcool.—E mais adiante, terminando: "Que os seis homens mais notaveis do commercio de alcool sejam fuzilados, em nome da defeza nacional, por um pelotão de boa vontade, de que terá grande honra em fazer parte, embora mau atirador. Mas eu me esforçarei por acertar". E que se não perca o chumbo, u. de d."

Heré, o homem famoso do "drapeau au fumier!", ex-antimilitarista vermelho, jeneral Calavento do socialismo, bem realizado, dentro de si, mais radicais transformações que as de qualquer camaleão com a propria pele. Estourada a guerra, foi logo dos mais fervorosos aderentes a l'Union sacrée, pondo-se ás ordens do ministro da guerra para seguir no primeiro contingente destinado aos primeiros embates com o inimigo. Heré chegou mesmo a afirmar, mais tarde, que sentia mais afinidade de interesses e sentimentos com um burguez de Franca do que com qualquer socialista da Alemanha. O belo titulo da sua folha, la Guerre Sociale, foi substituido por um outro vulgarissimo e burguezissimo: la Victoire. Agora com a revolução russa, Heré ataca... — os cossacos de Kaledine, ou os burguezes de Kerenski?... — não! ele ataca os massimalistas, acuzando-os dos "dores e vergonhas da invasão" (de Ri-ga)... Ora, l'Humanité de 22 de outubro publica o seguinte, na seção dos Faits divers: "Sabado á tarde foi preso, no momento em que penetrava nos escritorios do jornal la Victoire, o anarchista Lecoin, procurado pela autoridade militar como insubmisso. Bata conhecido entre os militantes do partido, Lecoin havia dito a varios camaradas que ia matar o diretor da Victoire, Gustave Heré. Conduzido ao Quai des Orfèvres, e revistado, encontraram-lhe um recetor carregado com seis balas". Heré não morreu nas mãos dos "kamerates" prussianos, porque é miope e como tal foi recusado pelo ministro da guerra. Mas ha de ter a sua mortezinha violenta, por bala, sem a menor duvida. Lamentavel e que Lecoin não se tenha portado mais discretamente..."

O padre Welterlé, alsaciano, era deputado ao Reichstag, e, á declaração de guerra, conseguiu escapar para a Franca, ganhando, com tal jesto, uma celebridadezinha universal.

Ultimamente Sua Reverendissima empreendeu uma série sistemática de conferencias, através da Franca, durante as quais tem proferido vicentios ataques contra o socialismo e o livre pensamento. Os socialistas, naturalmente, não se conformaram em apañhar catodos. E assim, com grande bravura, no Congresso Socialista de Bordeaux, o socialista Louis-Oscar Trossard caiu em cima do padre Welterlé, trazendo á baila, entre outras couzas, um velho artigo estampado, em 1903, no jornal de propriedade do reverendo, em Colmar, no qual artigo se combatia ferozmente a politica republicana franceza e se prosternava ante "a mão leal do imperador alemão". Em nome de l'Union sacrée, e até á hora do ultimo numero de l'Humanité que tive sob as vistas, o padre Welterlé e o socialista Louis-Oscar Trossard continuavam ás terras, cordialmente...

Alberto Thomas, deputado socialista dos mais illustres, ex-ministro das munições, falando aos ferroviarios reunidos em congresso, em Toulouse, a 21 de outubro, pronunciou estas palavras: "Sérias responsabilidades contraístes perante os soldados da frente. Terminada a guerra, é necessario que os camaradas que lá combatem tornem aos seus lares libertos do jugo do capital. Apoz a victoria, vós deveis entregar-lhes uma Franca rejuvenada, na qual possam viver e respirar á vontade". Prova ezuberante das idilicas disposições de l'Union sacrée entre capitalistas e trabalhadores...

Muita jente ha, bem candida ainda, que supõe ser privilegio da imprensa brasileira o venalismo desbridado, que se entrega a quem mais dá. Engano. Por toda a parte é a mesma couza... E nestes tempos instáveis de guerra, curioso de verificar-se que esta mesma mania "unio sagrada" em torno da patria tão ardorosamente pregada pela imprensa, esconde em seu bojo as mais polpudas e suculentas comidelas monetarias. Entre nós, por exemplo, ninguém de mediana perspicacia tem iluzões sobre os moetes que impulsionam o entusiasmo belicoso dos grandes orgãos da burgesia. M. Bouilloux-Lafont, experimentado "distributeur de publicite", que o diga... Mas isso que se faz entre nós é apenas a macaqueação do que se faz lá fóra, na Franca principalmente, que é a nossa mestra suprema de civilização. São os proprios jornalistas francezes que o denunciam, como esse honesto M. Louis Latapie, quando ferreteou, numa frase felicissima, o carater da grande imprensa moderna (conservo o sabor do original): "Les journaux ne valent pas grand'chose depuis qu'ils valent des millions". Os motivos dessa vacuidade intelectual e moral são patentes, e M. Latapie sintetiza-os como a maior precisão, que "a grande imprensa caiu nas mãos das sociedades anónimas ou de comerciantes, que zombam perfeitamente de todos os principios". Sobre este assunto, valioso e concreto testemunho nos oferece tambem M. Edgard Mithaud afirmando que "muitos jornais, e entre eles os mais graves, os mais acatados, arcam com a terrivel responsabilidade de ter entregue os interesses da Franca á oligarquia financeira, precisamente no minuto mais tragico da historia do nosso pais". A guerra, sofrimento, dôr, horror sem nome para o povo, aos gaviões da finança proporciona ainda appetizosas oportunidades de lucros e de proventos, embora á custa da fome e do sangue alheios... E como a grande imprensa se acha preza ás garras dos gaviões, eis como se explicam o entusiasmo patriótico e a furia guerreira dos grandes jornalistas, e

O substituto de Jaurès na direção de l'Humanité, Pierre Renaudel, num artigo sobre os escandolos das denuncias e dos processos por alta tração, escreve o seguinte, bem sintomatico do estado de espirito reinante em Franca: "Reservas mentais se mostram, igualmente, e sente-se bem que todos esses que estão a ezacerbar tais campanhas até a injuria crapulosa tem em vista fins particulares". Ainda sobre os mesmos casos, M. Joseph Caillaux, acusado de entendimentos com o inimigo, dirigiu a Barrés, que tem semeado delações a granel, uma carta de que destaco este trecho: "Chegais a falar de antipatriotismo. Eu vos digo que nada me parece mais criminoso, mais antipatriótico, que as campanhas provocadas por vós e os vossos amigos..."

Caido o gabinete Painlevé, a 13 de outubro, começou o ferrilhar de boatos e de intrigas em torno dos nomes dos provaveis chefes do governo futuro. E, com o ferrilhar, as apreciações e os juizos publicos, pela imprensa, sobre os nomes em foco. Eis o que insinuava Renaudel, em artigo do dia 15: "Não é possivel que esses que tem dado provas duma impulsividade, por vezes assassina, esses que mesmo depois da guerra varias vezes tem dado o exemplo duma carencia total de clarividencia, dizendo e desdizendo-se com suas

Natal triste

Para Miguel Capllonch

Era aquele o seu mercado... Noite feita, lá saia ela a percorrer as ruas, esgueirando-se pelos passeios, por entre a turba, entrando pelos cafés e cervejarias, e a oferecer insistentemente:

— «Mendubi torrado. Dois cartuchos um tostão!» — E batia os varios pontos da cidade, a Avenida, a Lapa, o Rocio, té as mais lobregas vielas onde o vicio se dezencadeia feroz...

Já conhecia os melhores logares e as horas mais propicias para a venda feliz do amendoim; freguezes, mesmo, já os havia certos, quazi todos velhos, que devoravam os cartuchinhos, uns após outros, com sofreguidões ignobeis...

Era uma pobre criancita dos seus dez anos, si tanto, loura, d'olhos azufricamente esmaltados que luziam tristemente num rostozinho redondo sujo. Interessante nos seus andrajos, Laura, assim chamavam-na, era uma das muitas criaturinhas que, sem infancia, surpreendidas logo ao dezabrochar da ezistencia pela ronda d'amaruras insondaveis que fazem nesta sociedade egoista, o viver impossivel dos dezerdados, são atiradas p'ra rua onde, aos empurrões de uns, aos afagos infames de outros, conseguem a par com as primeiras amachucadelas de sua innocencia, o níquel cubiçado para o pão que falta em caza.

São floritas do enxurro, que mal se abrem para os beijos da vida, recebem o bafo pestilento da degradação.

Naquella noite Laura não conseguira vender um só cartucho dos varios que trazia na latinha suja e ferrujenta. Era a vespera do Natal, o grande dia em que, dizem, nacera na Palestina um visionario que muito amava as criancinhas.

Pelas ruas ia um movimento de festa estonteante. As carruagens jiravam num rodar continuo, batendo as portinholas ás portas das mercearias e bazares, onde a animação era grande de jente que entrava e saia a cobrar emburros, nas pressas das ultimas providencias...

Laura deixara-se ficar colada a uma «vitrine» onde se arrumavam, aos reflexos de lampadas multicores, os mais interessantes e estranhos brinquedos. Seus olhos esplendidamente acesos pela cubiça, acariciavam todo aquelle acervo de maravilhas, fantasiando o seu cerebro juvenil a posse, ora daquela boneca em azul, rizonha, que lá do fundo lhe estendia os bracinhos, — ora daquele polichinelo gaiato, que do alto da montra se dependurava por um cordel. E era de ver os projetos; re-fundia-os a cada passo, discutia, e tão fascinada que nem dava fé do tempo e do amendoim...

D'alí passou aos mostruarios das confeitarias onde subiam piramides de doces secos, compotas, castelos de

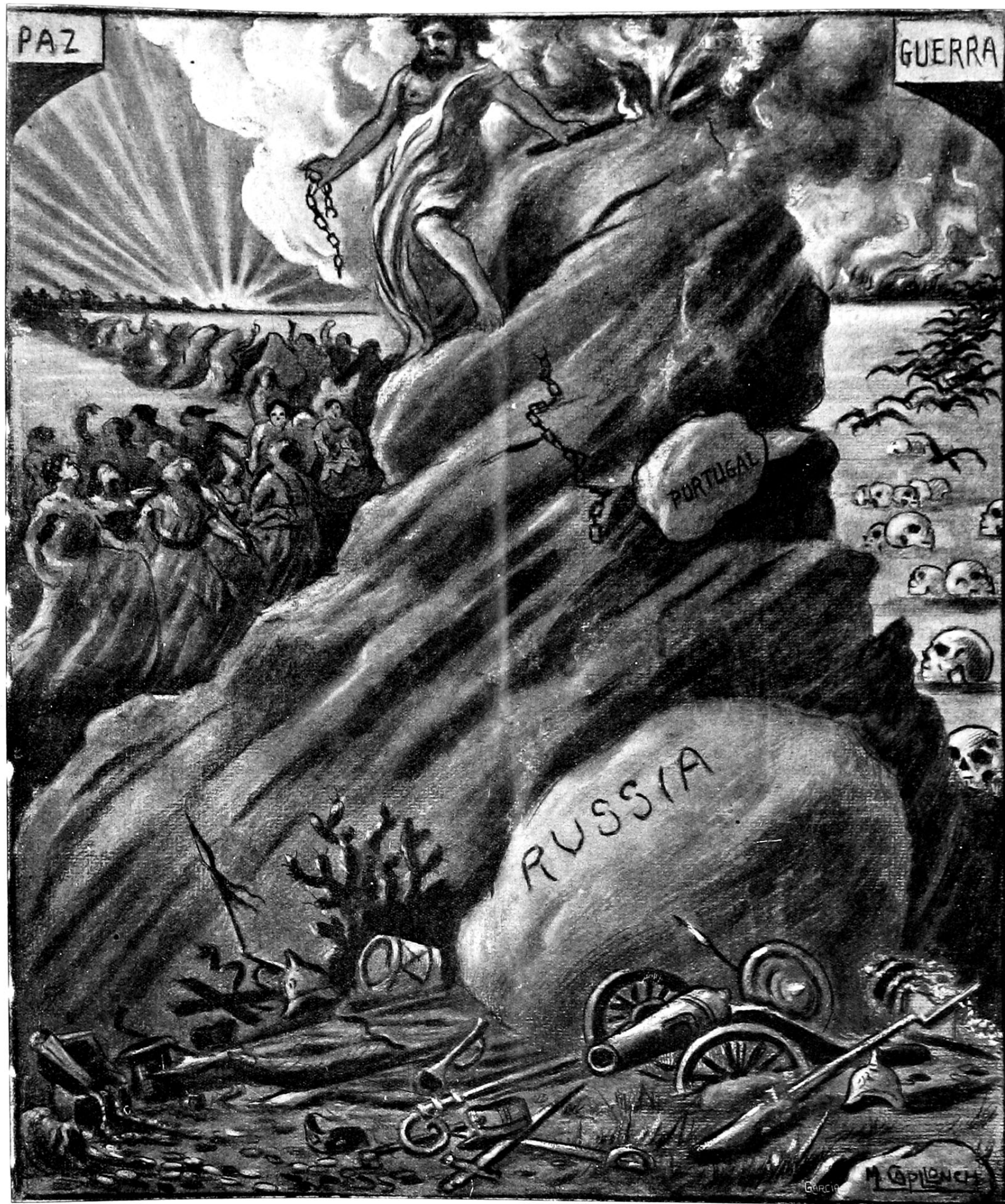
ou menos elegancia, não é possivel que sejam precisamente esses os mais apots, hoje, para ezijir para si as relicas do poder". Esta alusão transparentissima se referia a Clemenceau, que afinal foi o encarregado de organizar o novo gabinete... De resto, já trez semanas antes, Marcel Sembat, comentando os zunzuns da proxima queda de Painlevé e da possivel subida de Clemenceau, assim se exprimia: "Porque derrubal-o (a Painlevé) e entregar a Franca ás perigosas fantazias desse velho insensato?" Ce viel insensé... era Clemenceau.

L'Humanité conta o seguinte episodio fino da sessão da Camara que deu por terra com l' ministro Painlevé. Conhecido o resultado negativo do voto de confiança, os ministros, com o presidente á frente, levantam-se e abandonam a sala. «Á direita (onde sentam os reacionarios), então, applaude o resultado do voto e despedem os membros do gabinete caído com aclamações: Hou! Hou!» — «Dos bancos socialistas e da esquerda, um imenso grito de: Vive la République! e mesmo alguns applausos dirigidos aos ministros cobrem a ridicula manifestação dos reacionarios». Em materia de "Union sacrée", esta amostra, como se vê, é de primeira ordem!

Não quero terminar esta coleção de pequenos documentos colhidos no decorrer da leitura dos exemplares de l'Humanité, e que supõem grandemente instructivos e quazi divertidos, não quero terminar, dizia, sem registrar certas palavras dum discurso de Painlevé, pronunciado na sessão de 25 de outubro da Camara. Não tem propriamente relação nenhuma com a "unio sagrada", antes se collocam bem por cima dela, muito ao alto, como justissima percepção do momento grave e decisivo para a historia da civilização, que é este que vivemos. Transcrevo-as, no original, para lhes não tirar a força de expressão: "C'est qui s'imaginent qu'après ce terrible cataclysme, la face du monde ne sera pas changée, se font une singuliere illusion. C'est une humanité nouvelle qui s'entre dans la douleur et dans le sang. De aouté á jente de gritar: "Muito bem! E de esclarecer: sim, o mundo vai transformar-se inteiramente, mas não no sentido que os provocadores do cataclysme desejavam e desejam; o exemplo da Russia está nos mostrando a tendencia dessa transformação..."

Bazilio Torrezaço.

ERA NOVA



Rompendo a crósta dos preconceitos que asficsiam os Homens, a IDÉA faz rebentar o Etna da REVOLUÇÃO. Desmantela-se o aparelho da tirania hodierna. Prenuncios de uma ERA NOVA?...

O Orbe se bifurca. D'um lado a MONSTRUOZIDADE, presente de sangue— de outro a HUMANIDADE, futuro de luz...

Suplemento d'“O COSMOPOLITA”

1917-1918

morango; carnudos estravagando d'aca-fatinhos de vime, e toda uma poli-cromia de «bon-bons» abrindo em flores ecentricamente recortadas.

Através as vidraças viam-se os «gar-çons», atarefados a servirem as mesas, e ouvia-se o ruído da louça e dos ta-beres... Laura sentia a gula crescer-lhe salivação, e pensava no festim que iria lá po caza com um só daqueles manjares!

— Já já alta a noite. Uma chuinha miuda começara a cair afujentando os transeuntes. A po-breza só então percebeu que nada ha-via vendido. Uma angustia terrível amarfanhava-lhe o ser. E a mãe — coi-tada! — erizipelatoza, o mais os mani-nhos sem pão! Que fóra boa aquela, de-ixar-se ficar assim, sem cuidar de seu negocio! Vieram-lhe então idéas de milagres; que Deus bem podia ter mandado quaquer couza, eram tão po-bres!... E dizia p'ra si, apressando o passo: «que sabe? quem sabe?...» — Qual Deus, mulher! então se ezis-tisse «bom deus», este monstro não já se teria apedrado de nossa miséria?

— Era a velha Maria, que diz sem-pre, filosofando para uma outra que rezava muito e tinfia um cancro na lin-gua. Essas palavras batiam nos ouvi-de Lura.

Ao chegar em caza, molhada, rota e cheia de fadiga deteve-se á porta e, em lágrimas, poz-se a maldizer o Natal...

Francisco-Alexandre

25 — 12 — 917

Conto para começar alegremente o ano

Horteur, o fundador da «Estrela» o diretor politico e literario da «Revista Nacional» e do «Novo Seculo Ilustrado», recebendo-me no seu gabinete, disse-me do fundo da sua pol-trona ditatorial.

— Meu bom Marteau, faça-me um conto para o numero especial do «Novo Seculo». Trentas linhas, e a proposito do dia de Ano Bom. Uma couza viva, com um perfume de aristocracia.

Eu respondi a Horteur que não servia para isso, pelos menos no sentido em que ele o de-zejava, mas que de boa vontade lhe daria um conto.

— Seria bom, disse-me ele, que se intitulasse: Conto para os ricos.

— Eu acharia melhor: Conto para os pobres.

— E' o que eu quero dizer. Um conto que inspire aos ricos piedade pelos pobres.

— E' o de que precisamente não gosto: que os ricos tenham piedade pelos pobres.

— Bizarro!

— Não, nada de bizarro, mas científico. Eu considero a piedade do rico pelo pobre como injuriosa e contraria á fraternidade hu-mana. Se o senhor quer que me dirija aos ricos, eu lhes direi: «Guardai a vossa piedade: os pobres nada têm que fazer com ela. Porque a piedade, e não a justiça? Vós estais em conta com eles. Ajustai, pois, as vossas contas. Não é uma questão de sentimento. E' uma questão economica. Se isso que lhes dais graçozamente tem por fim prolongar a sua pobreza e a vossa riqueza, esta doação é iniqua e as lágrimas com que as regais não a torna-ão equitativa. E' preciso restituir, como dizia o procurador ao juiz, depois da predica do bom irmão Maillard. Vós dais a esmola para não restituir. Vós dais um pouco para guardar muito, e felicitais-vos por isso. Foi assim que o tirano de Samos jogou o seu anel ao mar. Mas a Nemesis dos deuses não recebeu esta oferenda. O anel voltou ás mãos do tirano, no ventre de um peixe, que um pescador lhe trouxe. E Polícrates foi despejado de todas as suas riquezas».

— Estáis gracejando.

— Eu não gracejo. Quero fazer entender aos ricos que a sua beneficencia vale por um abatimento e a sua jenerozidade é uma pechin-cha, que estão a divertir o cróder, e que não é assim que se fazem os negocios. E' um avizo que lhes pôde ser util.

— E quer o senhor estampar idéas tais no «Novo Seculo», para matar a folha? Ah! não, meu amigo, isso é que não!

— Por que motivo quer o senhor que o rico proceda com o pobre de modo diferente que com os ricos e poderosos? A estes ele paga o que lhes deve, e, se lhes não deve nada, não lhes paga nada. E' a probidade. Se pois ele é pobre, que faça outro tanto com os pobres. E não diga que os ricos nada devem aos pobres. Eu não creio que haja um só rico que o igno-re. E' sobre a estensão da divida que come-çam as incertezas. Prefere-se continuar na imprecisão. Sabe-se que se deve. Não se sabe o se que deve. Não se sabe o que se deve, e de tempos em tempos dá-se alguma couza por conta. Chama-se á isso beneficencia, e isso é vantajoza.

— Mas tudo o que está a dizer não tem senso comum, meu caro colaborador. Eu sou talvez mais socialista que o senhor. Mas eu sou pratico. Suprimir um sofrimento, prolongar uma existencia, reparar uma par-cela, das injustiças sociais, já é um resultado. O pouco de bem que se faz fica feito. Não é tudo, mas é alguma couza. Se o conto que lhe peço consegue enternecer uma centena dos meus assinantes ricos e os dispôsi a fa-zerem doações, será uma victoria contra o mal e o sofrimento. E' assim que pouco a pouco se vão tornando as condições dos pobres su-portaveis.

— Acha bom que as condições dos pobres sejam suportaveis? A pobreza é indispensa-vel á riqueza, a riqueza é necessaria á pobre-za. Estes dois males se enjendram um ao outro e se mantêm um pelo outro. O que é preciso não é melhorar as condições dos pobres; é suprimi-las. Não induzirei os ricos á esmola, porque a esmola deles é venenoza, porque da esmola resulta um bem para o que a dá e um mal para o que a recebe e, finalmente, porque, sendo a riqueza por si mesma dura e cruel, é inutil revesti-la com a enganadora apparencia da doçura. Já que o senhor de-zeja

que eu faça um conto para os ricos, eu lhes direi: «Os vossos pobres são os vossos cães, que alimentais como a cães. Os vossos prote-jidos são a vossa matilha, que ladra aos pro-letarios. Os ricos não dão senão aos que pedem. Os trabalhadores não pedem nada. E eles nada recebem».

— Mas os orfãos, os enfermos, os velhos?... — Eles têm o direito de viver. Eu não excitarei a piedade por eles: invocarei a jus-tiça.

— Tudo isso são teorias! Voltemos á reali-dade. Faça um conto a proposito das festas, e poderá pôr-lhe uma ponta de socialismo. O socialismo está na moda. E' uma elegancia. Eu não falo, entenda-se, do socialismo de Guesde, nem do socialismo de Jaurés, mas desse bom socialismo que as pessoas da socie-dade opõem, com espirito, ao coletivismo. Ponha figuras jovens no seu conto. Fa-lo-ei ilustrar, e nas imagens preferem-se os tipos graciosos. Ponha em cena uma rapariga, uma rapariga encantadora.

— Não é difficil.

— Não poderia introduzir tambem no conto um pequeno limpador de chaminés? Tenho uma illustração já feita, uma gravura a cores, que representa uma linda rapariga dando esmola a um pequeno limpador de chaminés, nas escadarias da Madalena. Seria uma boa ocasião de aproveitar... Faz frijo, cai neve; e a bela e caridoza senhorita socorre ao pequeno limpador de chaminés... Percebe bem?... — Percebo.

— Pois borde o conto em torno desse tema.

— Perfeitamente. O pequeno limpador de chaminés, numa ezaltação de reconhecimento, lança-se ao peçoço da bela senhorita, que é nada menos que a propria filha do sr. conde de Linotte. Dá-lhe um beijo e imprime na bochecha da gracioza meunina um pequeno «o» de fuljijem, um pequeno e bonito «o» bem redondo e preto. Ele ama-a. Edméa (ela se chama Edméa) não se mostra insensível a um sentimento tão sincero e tão in-jenuo... Parece-me que a idéa é assaz to-cante.

— Sim... está bem, está bem.

— O senhor me anima a continuar... Voltando ao suntuoso «apartamento» do boulevard Malesherbes, Edméa experimenta, pela primeira vez, uma certa repugnancia de se limpar; dezejava conservar sobre a face a marca dos labios que a beijaram. Quanto ao pequeno limpador de chaminés, este a acom-pañhou até a porta, ficando em estaze sob as janelas da adoravel rapariga... Vai bem assim, não é?

— Mas, de certo... — Prosgo. Ao dia seguinte pela manhã, Edméa, deitada ainda no seu leito todo branco, vê o pequeno limpador de chaminés sair da chaminé do seu quarto. Ele se lança injenua-mente sobre a delicioza creatura e cobre-a de pequenos «o» de fuljijem. Esquecia-me de dizer-lhe que ele era de uma beleza maravi-lhoza. A condessa de Linotte o surpreende no seu doce trabalho. Ela grita, horrorizada. Ele está tão occupado que a não vê, nem ouve. O conde apparece. O conde é um cavalheiro á antiga. E agarra o pequeno limpador de chu-minés pelo fundo das calças, que é o que precizamente se apresenta aos seus olhos, e o arremessa pela janela.

— Meu caro Marteau... — Vcu terminar... Nove mezes depois, o pequeno limpador de chaminés despozava a nobre rapariga. E não era sem tempo. Eis ai estão as consequencias de uma caridade bem empregada.

que eu faça um conto para os ricos, eu lhes direi: «Os vossos pobres são os vossos cães, que alimentais como a cães. Os vossos prote-jidos são a vossa matilha, que ladra aos pro-letarios. Os ricos não dão senão aos que pedem. Os trabalhadores não pedem nada. E eles nada recebem».

— Mas os orfãos, os enfermos, os velhos?... — Eles têm o direito de viver. Eu não excitarei a piedade por eles: invocarei a jus-tiça.

— Tudo isso são teorias! Voltemos á reali-dade. Faça um conto a proposito das festas, e poderá pôr-lhe uma ponta de socialismo. O socialismo está na moda. E' uma elegancia. Eu não falo, entenda-se, do socialismo de Guesde, nem do socialismo de Jaurés, mas desse bom socialismo que as pessoas da socie-dade opõem, com espirito, ao coletivismo. Ponha figuras jovens no seu conto. Fa-lo-ei ilustrar, e nas imagens preferem-se os tipos graciosos. Ponha em cena uma rapariga, uma rapariga encantadora.

— Não é difficil.

— Não poderia introduzir tambem no conto um pequeno limpador de chaminés? Tenho uma illustração já feita, uma gravura a cores, que representa uma linda rapariga dando esmola a um pequeno limpador de chaminés, nas escadarias da Madalena. Seria uma boa ocasião de aproveitar... Faz frijo, cai neve; e a bela e caridoza senhorita socorre ao pequeno limpador de chaminés... Percebe bem?... — Percebo.

— Pois borde o conto em torno desse tema.

— Perfeitamente. O pequeno limpador de chaminés, numa ezaltação de reconhecimento, lança-se ao peçoço da bela senhorita, que é nada menos que a propria filha do sr. conde de Linotte. Dá-lhe um beijo e imprime na bochecha da gracioza meunina um pequeno «o» de fuljijem, um pequeno e bonito «o» bem redondo e preto. Ele ama-a. Edméa (ela se chama Edméa) não se mostra insensível a um sentimento tão sincero e tão in-jenuo... Parece-me que a idéa é assaz to-cante.

— Sim... está bem, está bem.

— O senhor me anima a continuar... Voltando ao suntuoso «apartamento» do boulevard Malesherbes, Edméa experimenta, pela primeira vez, uma certa repugnancia de se limpar; dezejava conservar sobre a face a marca dos labios que a beijaram. Quanto ao pequeno limpador de chaminés, este a acom-pañhou até a porta, ficando em estaze sob as janelas da adoravel rapariga... Vai bem assim, não é?

— Mas, de certo... — Prosgo. Ao dia seguinte pela manhã, Edméa, deitada ainda no seu leito todo branco, vê o pequeno limpador de chaminés sair da chaminé do seu quarto. Ele se lança injenua-mente sobre a delicioza creatura e cobre-a de pequenos «o» de fuljijem. Esquecia-me de dizer-lhe que ele era de uma beleza maravi-lhoza. A condessa de Linotte o surpreende no seu doce trabalho. Ela grita, horrorizada. Ele está tão occupado que a não vê, nem ouve. O conde apparece. O conde é um cavalheiro á antiga. E agarra o pequeno limpador de chu-minés pelo fundo das calças, que é o que precizamente se apresenta aos seus olhos, e o arremessa pela janela.

— Meu caro Marteau... — Vcu terminar... Nove mezes depois, o pequeno limpador de chaminés despozava a nobre rapariga. E não era sem tempo. Eis ai estão as consequencias de uma caridade bem empregada.

— Meu caro Marteau, o senhor está a debo-char-me.

— Absolutamente. E termino. Tendo des-pozado mlle. de Linotte, o pequeno limpador de chaminés tornou-se conde do Papa e arrui-nou-se nas corridas. Ele vive hoje da sua antiga profissão e está estabelecido á rua da Alegria, em Montparnasse. Sua mulher toma conta da loja e vende salamandras, a 18 francos, a prazo de oito mezes.

— Meu caro Marteau, isso não é graciozo.

— Cuidado, meu caro Horteur. O que acabo de lhe narrar é, no fundo, a «Queda de um anjo» de Lamartine, e «Eloa» de Alfre-do de Vigny. E, no fim de contas, vale mais que todas essas historias lacrimojantes, que fazem aos ricos suporem-se jente muito bon-doza, quando absolutamente não o são, que lhes dizem ser facil fazer o bem quando isso é a coiza mais difficil do mundo. O meu conto é moral. Além disso, é otimista e acaba bem.

Porque Edméa encontra na loja da rua da Alegria a felicidade que em vão procuraria nos divertimentos e nas festas, se tivesse cazado com um diplomata ou um official... Meu caro director, responda-me: quer «Edméa ou a Caridade bem empregada» para o «Novo Seculo Ilustrado»?...

— Mas o senhor m'o pede seriamente?... — Eu lh'o peço seriamente. Se o senhor não quer o meu conto, eu o publicarei noutra parte.

— Onde?... — Numa folha burgueza.

— Duvido muito.

— O senhor verá.

Anatole France.

A revolução russa e a burguezia

A revolução russa que depoz o sr. Kerenski e colocou-o em cir-custancia de nunca mais se apru-mar, é olhada com muito mais olhos pela burguezia.

E' natural que assim seja, por-que a revolução russa não é uma revolução burgueza, mas sim uma revolução do povo, contra a classe rica.

Ora, o povo russo que por se-culos e seculos sofreu o nefasto e terrível dominio de perversidade e ferocidade da classe rica e detentora, certamente, agora, de-apos de tantos e dolorozos sofrimen-tos, conseguiu depor do po-der os seus algozes, reduzindo-os a nulidade e implantando um rejimen mais em harmonia com as suas aspirações,—que se sintentiza nestas sublimes palavras: Paz, Terra e Liberdade, por, cer-to, não ha de permitir que bur-

Companhia Hanseatica

Bebam as cervejas Polar, Cascatinha, Iracema e Sumaré

Fabricadas com agua da Tijuca, captada na propria nascente

Fabrica de Cerveja Oriente

de José Vasquez Ferro
Rua Visconde do Rio Branco 30



GARIBALDI
Pitoresco parc ao ar livre

(Entrada pela rua da Consti-tuição 53)
TELEFONE C. 1573
Rio de Janeiro

VERMUTIN



Amelhor bebida do mundo

Beba todos os dias e será sempre jovem.

O que é o vermutin
E' um aperitivo-estomacal moderno, elegante, original, que se toma puro, gelado com agua, syphon ou misturada com outro.
E' uma bebida deliciosa, com poderes tonico digestiva-nervinose airtudes, RADIO-ACTIVAS, que influem no rganismo, rejuvenescendo a todos que fizerem uso.
Notae o paladar delicioso que fica na bocca depois que se bebe O VERMUTIN! tome gelado que é delicioso!
O appetite renasce, a ju-ventude se conserva e se pro-longa, a velhice adquire no-vos reforços para resistir ao-seus effeitos!
Tome sempre, repeti as doses de 3 a 4 calices por dia e ao fim de 15 dias sentireis os beneficios do RADIO APERTIVO INDIANO — VERMUTIN—do Dr. Eduar-do França.
Encontra-se em todos os hoteis, restaurants, cafés, confeitarias bars, botequins e armazens.
unicos depositarios: Mourão & C., Rua do Rozario, 133 — Cessionarios: Coutinho Neves & C., Rua Buenos Aires, 96 (sobrado).

guezia torne a escravizalo e a desgraçalo.

Convencida disto, a burguezia, fula de raivae principalmente atemorizada pelo gigantesco passo do povo russo, o qual com o seu jesto deu um belo ezemplo de rebeldia aos ontros povos, que não tardarão a secunda-lo, busca por todas as artimanhas,lançando mão até da calunia e difamação contra certas personalidades mais em destaque no partido revolucionario massimalista, afim de criar uma corrente de antipatia contra eles e ao mesmo tempo desvirtuar o carater da revolução.

Mas, baldados serão todos os seus esforços nesse sentido por-que, se o povo russo aceitou, fez e sustenta a revolução contra os detntores da terra, é gorque se sentia cansado de sofrer e servir de juguete á burguezia.

Denmais, essas individualidades mais em destaque no partido massimalista, são pessoas bastan-tes conhecidas no meio das clas-ses populares da Russia, onde têm convivido, desenvolvendo a sua actividade em prol da cauza da emancipação moral, economica e social da Humanidade, e onde gosam de jeral estima e simpatia, pela bondade de seus sentimen-tos, pela perfeição de seus carac-teres, e pela sublimidade e edu-cação moral e intelectual dos seus espiritos.

Zeferino.

Quando já estavam concluidas as linhas acima, lembrei-me da excelente oportunidade que se me oferece para transcrever d'«A Noite» o seguinte telegrama:

«Nova York, 18 (A).—O «New York Times» annuncia que os cam-

poneses russos incitados pelos leninistas, destrui-ram em Yasnaya Polia-na, residencia da fami-lia do Conde Tolstoi, os manuscritos e documen-tos valiozos deixados pelo grande escitor; ras-garam numerosos docu-mentos, incendiaram o estabulo e incendiaram a casa.»

Não pode ser que semelhante ato de vandalismo e estupidez tenha sido perpetrado pelos leninistas, pois que os leninistas são os proprios massimalistas e os massimalistas são socialistas e como socialistas são admiradores da pessôa e obras do grande mestre Leon Tolstoy, o qual foi um estrenuo propagandista do socia-lismo, ora triunfante na Russia.

Por esse telegrama vê-se até onde chega a perfidia e a calunia, de que lança mão a burguezia, afim de desmoralisar e desvirtuar a acção dos revolucionarios.

GARÇONS! RECOMENDAE O
Cognac MARTELL
A grande marca Franceza. E' melhor e mais popular

Tinturaria e Alfaiataria RUY BARBOSA
Especialidade em roupas sob medida
Concerta-se roupas de homens
MORAES & MOREIRA
Rua Senhor dos Passos, 96
Tel. 4803-Norte—RIO DE JANEIRO

Bar Fidalga

QUINTA DA BOA VISTA
O parque mais frequentado desta capital

Licores, vinhos finos e de todas as qualidades, cervejas, refrescos, sandwicks e e comidas frias.

Serviço feito com todo o asseio e promptidão
M. J. PIRES
Tel. 4296 - Vila

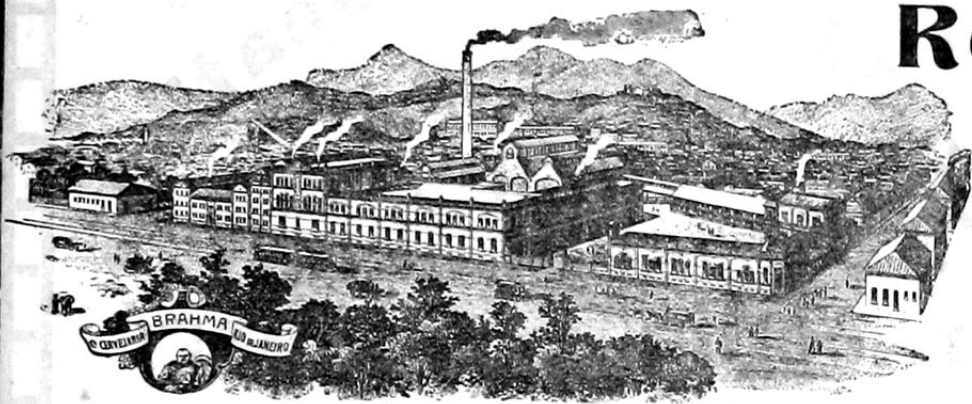
GRANDE TINTURARIA LONDRES

Rau 7 de Setembro, 147
Entre Uruguayana e Travessa de São Francisco de Paula
Casa das duas Portas Largas. Ao lado das afamadas camas arame Serpa. — Fazem-se concertos em roupas de homem TELEFONE N. 3083

Café e Bilhares do Campo

Casa especial em, cafe, chocolate, leite de Minas, mingaus, gemadas e ceias
ABERTO ATE' A' 1 HORA DA NOITE
José Antonio de Azevedo
R. Frei Caneca, 1
Canto da Praça da Republica e esquina da Rua Barão do Rio Branco
RIO DE JANEIRO

Cervejaria Brahma



Recommenda as suas
afamadas marcas :



Fidalga Malzbier Brahma Porter

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

BEBAM

CAXAMBÚ

A soberana das
aguas de meza

RIO DÃO O vinho de meza
preferido

IMPORTADORES

J. Ferreira & C.

Cerveja Park Bier. Estomacal
e nutritiva

PRAÇA TIRADENTES, 27

CASA TIM-TIM POR TIM-TIM

SEMPRE NA PONTA

ESPECIALIDADE EM PETISQUEIRAS A PORTUGUEZA
E "COM ELLAS E SEM ELLAS" - ABERTO ATE' 1 HORA DA NOITE

Rua do Lavradio n. 41 - Telephone 3229
RIO DE JANEIRO

DURAN & BARBOSA

"Casa Rist"

Deposito excludivo de productos
nacionaes

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77

Telephone 455 - Central

BEBAM

SALUTARIS

A Rainha das

Aguas de Meza

CENTRO COSMOPOLITA

Séde: RUA DO SENADO 215--217
(TELEPHONE 1499 CENTRAL)

Esta sociedade, fundada em 31 de Julho de 1903, incumbe-se de fornecer ás exmas. familias, confeitarias, hotéis, restaurants
clubs, bars e demais casas deste ramo, pessoal competente
para banquetes, casamentos, pic-nics, etc. etc., não só na capital como no interior, responsabilizando-se pelo mesmo

Aluga o seu vasto salão para festivaes, conferencias e outros actos de reconhecida moralidade

Attende a chamados todos os dias uteis das 7 ás 22 horas e aos domingos até ao meio dia

